

O ESPORTE E SUAS MANIFESTAÇÕES MIDIÁTICAS, NOVAS FORMAS DE
PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NO ESPAÇO ESCOLAR

Márcio Romeu Ribas de Oliveira, mestrando CDS/UFSC/CAPES
Giovani De Lorenzi Pires, Prof. DEF/CDS/UFSC

Resumo: Temos como pano de fundo para a construção do trabalho alguns elementos conceituais retirados da teoria social crítica (Adorno e Benjamin), assim como aportes na teoria da sociedade do espetáculo (Guy Debord). E a partir desse cenário se articula a necessidade de refletir e problematizar a mídia como produtora dos “espetáculos da contemporaneidade”. No campo da cultura de movimento, tentamos articular as idéias de Betti, Feres Neto e Pires sobre a “janela de vidro” e suas possibilidades de intervenção no âmbito escolar.

Palavras-chave: mídia, esporte espetáculo, experiência audiovisual.

Introdução

A importância do discurso empreendido pela mídia em nossa sociedade é fulcral, participando efetivamente na construção das subjetividades contemporâneas. Sobretudo em momentos de informação e comunicação de alta tecnologia, as novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC, cfe. BELLONI, 2001), as quais nos colocam em conexão com o mundo.

Constituindo-se na “janela de vidro” para olharmos o que acontece no mundo, cada vez mais, o discurso midiático torna-se um elemento relevante no processo cultural moderno, como fonte de aquisição da informação e produtora de sentidos e significados estéticos e éticos.

A mídia está presente em nossa vida desde os primeiros momentos do dia, corroborando para a formatação de um sujeito que possa consumir o discurso empreendido pelos meios. A cultura midiática alimenta nossos sonhos e desejos mais íntimos. O sujeito contemporâneo percebe-se plugado, conectado na produção simbólica mediatizada. É através da função de agendamento da mídia que apreendemos o conhecimento na forma informacional, é da mídia que surge o fato, que será discutido, debatido na cotidianidade.

A mídia exerce ainda uma outra função que é merecedora de um olhar mais atento, no que se refere à disseminação de uma nova linguagem, imbricada na interconexão entre a imagem e o som, a linguagem audiovisual.

A linguagem audiovisual torna-se uma das preferências da cultura infantil e juvenil, são desenhos, filmes, revistas, enfim uma infinidade de formas de comunicarmo-nos com o mundo e do mundo comunicar-se com os sujeitos. O que mais importa nisso tudo, e que

para nós, como educadores, é foco de atenção, concentra-se na utilização dessa linguagem, que se faz contemporânea na cotidianidade da sociedade, mas, que no ambiente escolar é desconsiderada como forma de produzir e apreender o conhecimento.

Dessa forma, é imprescindível construirmos situações que possam perceber na linguagem audiovisual uma forma de produzir conhecimentos no cotidiano escolar, não abandonando outras formas de construir o conhecimento, mas sim, acrescentando novas formas dos sujeitos se apropriarem e ressignificarem os conteúdos científicos e culturais na contemporaneidade.

Nesse sentido, nos parece existir um óbvio descompasso no espaço escolar, um local responsável pela formação cultural dos jovens que não percebe na mídia um parceiro na construção da cidadania dessa juventude. Nesse aspecto é importante entender na produção simbólica contemporânea a participação efetiva da mídia, e tentar promover a sua interlocução nos espaços educativos.

Se para o campo da Educação Física esse caminho está se iniciando, em outros campos do conhecimento como o da Educação e a da Comunicação o debate tem sido intenso para construir uma inter-relação, que possa contribuir para a inclusão da mídia no espaço educacional.

Na Educação Física, tímidos e corajosos são os interessados em refletir, problematizar e produzir conhecimentos em espaços científicos¹, que conseqüentemente possam subsidiar as intervenções no âmbito educacional.

“À medida que os trabalhos de abordagem teórica crítico-reflexiva sobre as relações entre mídia e as diferentes manifestações da Educação Física vão se ampliando, diversificando e aprofundando, mais visível se torna a ausência e ainda mais necessária se faz a produção de estudos que formulem e experimentem propostas metodologias de trato pedagógico sobre o tema destas relações no âmbito do sistema educacional, nas aulas de Educação Física escolar” (PIRES, 2003, p. 9).

Nesse artigo, Pires tematiza a produção do conhecimento, em relação ao objeto Educação Física/Esporte e Mídia, tendo como objetivo mapear os trabalhos apresentados no GTT Comunicação e Mídia do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), desde 1997.

Para o autor, os estudos nesse campo ainda se percebem tímidos em sua quantidade, mas, que vão se aprofundando qualitativamente e ocupando distintos espaços. Construindo quatro tendências: “ i) estudos de análise sobre mídia de massa; ii) novas linguagens ou

¹ Para isso basta consultar os anais do CBCE e perceber o número de trabalhos referentes ao tema Educação Física, Esporte e Mídia.

estudos instrumentais; iii) novos campos epistemológicos; iv) estudos de interface”. (PIRES, 2003, p. 8).

A partir dessas considerações é que nos embrenhamos no campo do esporte e suas inter-relações com a produção simbólica da sociedade, articulando essas relações com a Educação Física escolar, numa tentativa de emancipar e esclarecer os sujeitos envolvidos na ação educativa, sobre o discurso midiático e suas conexões com a Educação Física/Esporte e Mídia.

Educação e comunicação, comunicação e educação: o caminho da intervenção educomunicativa?

A Educação enquanto espaço privilegiado de formação humana incumbe-se de discutir, refletir e pensar novas formas de conduzir os processos de apreensão do conhecimento na vida em sociedade. Nesse aspecto, pensar uma Educação comprometida com os processos que se materializam na sociedade contemporânea, não é pensar uma Educação do futuro, mas sim adequar novas formas de produzir o conhecimento, utilizando principalmente de novas formas de linguagem e comunicação, para interagirmos, conhecermos e apreendermos o mundo.

Então é necessário refletirmos o por quê tematizar a mídia na escola? Na atual conjuntura, onde os meios de comunicação exercem uma forte influência sobre os receptores das mensagens midiáticas, nada é mais emergencial que a construção de estruturas capazes de promover a formação de receptores autônomos e críticos em relação ao discurso midiático. Para Belloni (2001), a inclusão das mídias na escola se justifica, principalmente porque:

A escola deve integrar as tecnologias de informação e comunicação porque elas já estão presentes e influentes em todas as esferas da vida social, cabendo à escola, especialmente à escola pública, atuar no sentido de compensar as terríveis desigualdades sociais e regionais que o acesso desigual a estas máquinas está gerando(p. 10).

A produção simbólica da mídia acaba que educando conjuntamente com a escola, subsidiando o capital cultural da juventude brasileira, articulando uma forma de conhecer o mundo e um dos seus afazeres no seu tempo livre. Uma possível absorção das mídias pela escola teria como principal objetivo utilizá-las enquanto “objetos de estudo” e “ferramentas pedagógicas”, no que Belloni (2001) nos alerta para uma utilização em sua total dimensionalidade.

A mídia na escola pode ser entendida como um eixo problematizador nos processos de aquisição e disseminação cultural, pois o discurso midiático adquire um caráter importante na aquisição cultural dos jovens. Jacquinet (2002) aponta uma impregnação dos jovens pela “*cultura mediática*”, e uma certa resistência dos professores em relação aos jovens e a preferência da cultura mediática em detrimento da cultura escolar:

Ou bem ignoram a influência dos meios e mantêm a tradição da escola ignorando a diversidade das realidades sociais e culturais, repousando sobre o modelo da mediação oral do mestre e da valorização da escrita (2002, s.p.).

É inegável uma aproximação por parte do estudante à “*cultura mediática*”, em detrimento da cultura escolar. A escola perde espaço para a televisão, videogame, rádio e outras formas de acesso à informação. A autora menciona ainda a figura do Educomunicador que seria um “*professor do século XXI*”, capaz de tecer um diálogo entre a “*cultura mediática*”, - no que se refere às possibilidades apontadas por Belloni -, e a cultura escolar.

A perspectiva Educomunicativa, apresentada por Ismar de Oliveira Soares (2002), sobre a inter-relação da Comunicação com a Educação, observada após a realização de uma pesquisa com trabalhadores e profissionais dedicados à Comunicação Educativa e à Educação para os meios de Comunicação, na América Latina, identificou como hipótese central do trabalho:

É a de que efetivamente já se formou, conquistou autonomia e encontra-se em franco processo de consolidação um novo campo de intervenção social a que denominamos de “inter-relação Comunicação/Educação”. Fique claro, contudo que tal inter-relação, ou simplesmente Educomunicação, não é por nós tomada apenas e tão somente como uma nova disciplina, a ser acrescentada nos currículos escolares. Ao contrário, ela está inaugurando um novo paradigma discursivo transversal, constituído por conceitos transdisciplinares com novas categorias analíticas (p. 13- 14).

Para Soares, a ação da Educomunicação implica a existência do Educomunicador, que seria “*o facilitador que aplica intencionalidade educativa ao uso dos processos, recursos e tecnologias da informação a partir da perspectiva de uma mediação participativa e democrática da comunicação*” (p. 36).

Essas possíveis manifestações apresentam características distintas, as quais são oriundas de matrizes teóricas diferenciadas, ora do campo educacional, ora do campo comunicacional. Nesse momento, temos a intenção de construir os nexos teóricos para a explicitação de uma proposta de inclusão da mídia na escola.

Do espetáculo ao teleespetáculo: o esporte e suas manifestações midiáticas na sociedade do espetáculo.

A introdução do conceito de sociedade do espetáculo, proposto por Guy Debord em 1967, se deve a atualidade desse conceito. Debord se dizia “doutor em nada” e tinha aversão ao campo científico, sobretudo as universidades. Agitador cultural, cineasta e um dos membros fundadores da Internacional Situacionista, seu livro a Sociedade do Espetáculo foi um dos principais argumentos para o Maio de 68 na França.

A sociedade espetacular é claramente visível em nosso tempo; não sabemos se quando Debord propôs esse conceito imaginaria que o processo de espetacularização da sociedade atual estaria tão visível, como se processa na atualidade. O cotidiano se apresenta como espetáculo, mundializado pela produção cultural, onde todos estão envolvidos, ora como espectadores/consumidores e/ou protagonistas do espetáculo.

A imagem é entendida como o imperativo do espetáculo “*o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens*” (DEBORD, 1997, p. 14). A noção do espetáculo transforma as experiências do mundo da vida em representações imagéticas do real, o que faz com que na sociedade do espetáculo a vivência imagética ganhe notoriedade em detrimento da experiência vivida.

Para Debord há um deslocamento da compreensão da sociedade pelo seu caráter econômico, mas sim pelos aspectos culturais, o que para BELLONI, acarreta:

Ao deslocar a luta de classes do terreno da economia para o da cultura e da vida cotidiana, por meio dos novos meios técnicos colocados a serviço da arte e da cultura, os situacionistas acenavam com algo verdadeiramente novo no cenário político: a revolução das subjetividades (2002, p.7).

Nesse caminho espetacular e instrumental a cultura acaba sendo cooptada pelo sistema econômico (capitalismo), “*o capitalismo pauta-se, em grande medida na construção e manutenção de uma sociedade carente, isto é, de uma necessidade universal em consumir, em ter cada vez mais par ser cada vez melhor*” (RETONDAR, 1999, p. 127).

Dessa forma, o sujeito moderno transforma-se no narciso moderno Lasch (1983), imbricado nas relações com o mundo do espetáculo. O narciso moderno, além de se satisfazer com a apropriação dos seus desejos de consumo, precisa também de uma audiência para si mesmo, se constituindo no ator do espetáculo contemporâneo. Neste

imbricamento entre espetáculo e narcisismo, os meios de comunicação constituem-se numa peça central.

Os meios de comunicação de massa, com seu culto da celebridade e na tentativa de cercá-la de encantamento e exaltação, fizeram dos americanos uma nação de fãs, de freqüentadores de cinema. A “mídia” dá substância e, por conseguinte, intensifica os sonhos narcisistas de fama e glória, encoraja o homem comum a identificar-se com as estrelas e odiar o “rebanho, e torna cada vez mais difícil para ele aceitar a banalidade da existência cotidiana” (LASCH, 1983, p. 43).(grifos do autor)

As evidências de uma sociedade espetacular baseada nas vivências do mundo vivido são representadas essencialmente pela transformação da cotidianidade. Nessas modificações, Debord (1997) percebia uma ruptura na existência humana, a qual era baseada no ser, se modifica para o ter, e agora se fundamenta no aparecer. Assim podemos entender o que Retondar (1999, p. 127), nos diz: “o homem moderno é aquele que vê; aquele que olha o real não para descobri-lo, para criá-lo, mas para reforçar a própria miopia do ato de ver”.

Utilizar a linguagem proposta por desenhos animados, fotonovelas, filmes e *trailers*, foi o que os situacionistas utilizaram para demonstrar a crítica em relação a sociedade do espetáculo, talvez seja uma pista para os educadores discutirem e refletirem a mídia na sociedade do espetáculo.

A espetacularização do esporte: o espetáculo esportivo em seu estado mais adaptado?

O fenômeno esportivo para o nosso estudo é de suma importância, pois é nele que entendemos as intervenções e modificações impostas pelos meios audiovisuais. Na sociedade contemporânea que se percebe submersa num processo de produções culturais globais/mundiais, o esporte pode ser considerado um dos maiores produtos culturais, o qual envolve um grande número de praticantes e simpatizantes das suas manifestações.

A mídia como componente da moderna sociedade utiliza as manifestações esportivas, transmitindo, informando e vendendo o esporte para os receptores do discurso midiático. Na construção do cenário esportivo contemporâneo, o que vale é espetacularizar as imagens provenientes do esporte e para isso a tecnologia é um dos aparatos dos meios. Para PIRES (1998), o esporte além de sofrer um processo de mercadorização teve que adotar uma linguagem audiovisual, a fim de tornar-se um espetáculo televisivo.

O universo midiático utiliza o que BOURDIEU (1997) considera como o processo circular da informação, no qual os meios desenvolvem um discurso semelhante, utilizando os mesmos fatos, requeitando o que foi dito no dia anterior, ou mesmo, explorando de forma simplificada o assunto, como notícias sobre a vida íntima de astros do espetáculo moderno.

A falação esportiva diz respeito apenas aos heróis, num processo de mitificação e personificação do coletivo num sujeito só, o qual será responsável pela publicidade como saldo pela conquista do título, colocando a pátria de chuteiras novamente a mercê dos especuladores do esporte moderno.

A questão polissêmica e o esporte teleespetáculo: novas formas de mercadorizar o esporte?

Mauro Betti, em seu livro *Janela de vidro* (1998), pontua alguns aspectos que se imbricam na produção midiática e a sua relação com o esporte, as quais seriam as várias participações do esporte na televisão, como falação, cotidiano, ao vivo, nostalgia, adrenalina!, esporte global, anúncio publicitário, veja de novo e espetacular! Assim como, a polissemia da palavra esporte, que para os meios de comunicação todas as formas da cultura de movimento acabam se tornando esporte.

A televisão na ânsia de espetacularizar e vender seus produtos, num aparente paradoxo chama a tudo “esporte”, palavra que passa a designar uma diversidade de práticas, sejam elas ligadas a melhoria da condição física (andar, correr, malhar na academia, superação de desafios (body jumping, asa delta, alpinismo) ou atividades na natureza (trilhas ecológicas) (BETTI, 1998, p. 83).

As categorias demonstram quanto o esporte está sendo utilizado pelo discurso midiático, habitando desde os “*desenhos animados, nos programas de auditório, nos quadros humorísticos, nos seriados, nas novelas e nos filmes*” (1998,p. 71).

Diante disso, sugere o surgimento de um esporte denominado pelo autor de teleespetáculo, o qual seria:

Uma realidade textual autônoma, apoiada na capacidade que tem qualquer imagem de autonomizar-se com relação ao seu referente no mundo real. Quer dizer, uma imagem, não precisa necessariamente representar algo que exista materialmente, porque ela é, antes de tudo, a presença de formas visuais(...) (BETTI, 1998, p. 82).

As constatações do autor revelam novas necessidades de intervenção pedagógica, as quais necessitam de um conhecimento do meio e da linguagem utilizada.

Virtualização do esporte: novas vivências esportivas?

As virtualizações decorrentes do grande avanço tecnológico aportam no campo esportivo, o espetáculo esportivo tanto na prática de lazer e educacional, não pode ser mais entendido apenas como produção cultural da Revolução Industrial, o esporte pode ser compreendido pelo viés das transformações da Sociedade da Informação.

As manifestações esportivas necessariamente oriundas de espaços públicos como praças, campos de futebol e quadras poliesportivas, agora se materializam em lugares não tão públicos, habitam distintos lugares como afirma Betti (1998).

Para FERES NETO (2002, p. 70) o esporte estaria percorrendo um processo “*que podemos denominar de mutação do esporte*”, visível nas questões a respeito da polissemia do termo esporte, e também as novas formas de perceber e interagir com o fenômeno esportivo na sociedade. A partir dessas situações, há um alargamento do que pode ser entendido por esporte, construindo um novo referencial que se vislumbra em novas vivências esportivas, manifestas nas transformações históricas de nossa sociedade.

Para a Educação Física interessa os conceitos de “*mixagem e estéreo*”, proposto por Babin (citado por BETTI, 1998), numa aproximação desses conceitos com os temas da Educação Física escolar, numa possível inclusão dos meios audiovisuais, numa ação teleológica no espaço educativo, que seria o esclarecimento emancipatório na educação.

Na escola: a experiência formativa na produção audiovisual.

Para fundamentarmos nossas posições sobre a experiência utilizamos os ensaios de Walter Benjamin, o Narrador (1980) e Sobre alguns temas em Baudelaire (1980). Nestes ensaios, Benjamin comenta o processo narrativo como possibilidade de comunicação artesanal e como fonte de trocas de experiências vividas e relatadas. O primeiro ensaio é sobre o narrador russo Nicolai Leskow. Benjamin comenta as transformações que vão se instaurando na estrutura da narração, advindos principalmente da introdução do romance: “*O romancista segregou-se. O local de nascimento do romance é o indivíduo na sua solidão, que já não consegue exprimir-se exemplarmente sobre seus interesses (...)*” (1980, p. 60).

Benjamin reconhece as mudanças recorrentes da sociedade em que as bases comunicacionais estariam se tornando informacionais, por isso a ação de narrar reforçaria a tradição oral, conseqüentemente os aspectos comunicacionais nas ações intersubjetivas. O tocante no pensamento Benjaminiano é a relação das atividades artesanais produzidas nas sociedades, as quais utilizariam a “*contação de histórias*” para retomar a experiência como fulcro da sociedade. Benjamin percebe que uma das maiores faculdades humanas estaria sendo retirada do homem, que seria a troca de experiências, “*Uma causa deste fenômeno é evidente: a experiência caiu na cotação. E a impressão é de que prosseguirá na queda interminável*” (1980, p.57).

Nesse sentido, é que buscamos agora entender como utilizar os meios audiovisuais na escola primando pela experiência formativa em relação ao discurso midiático, não deixando de lado as questões relativas à vivência, mas sim articular essas duas possibilidades para que os educadores envolvidos na ação educativa tenham condições de perceber na mídia um grande aliado no processo educacional.

A experiência daria conta de mediar os aspectos referentes à vivência. Na experiência o sujeito responde com outras sensações oriundas de um processo racional ampliado de formação cultural. Não é nossa intenção explicar o que seria a experiência enquanto forma de interação entre os envolvidos no processo educativo, mas sim tentar um diálogo com Benjamin.

Benjamin nos faz refletir sobre as vivências e experiências no cotidiano escolar. Como construir intervenções que evidenciem e problematizem esses elementos no campo escolar. No que se refere a cultura de movimento e ao tema esporte. Acreditamos que as relações deste com a mídia podem ser consideradas como muito fecundas, enquanto conteúdo mais utilizado na construção de situações objetivas em relação ao lazer e a sua (tele) espetacularização (PIRES, 2002). Inevitavelmente a escola acaba sendo um palco das produções simbólicas mediatizadas, e nesse imbricamento entre mídia-esporte e escola, a Educação Física acaba silenciando as possibilidades de intervenção que privilegiem os conteúdos veiculados pela mídia.

Na sociedade imagética moderna é imprescindível a negatividade e a destrutividade, propostas pelos teóricos críticos, contrapondo-se a imposição de uma cultura do efêmero baseada numa estética conformada, refletida pela mídia e consumida pela sociedade de forma embriagante, na ânsia de saciar desejos individuais e consumistas, a vivência da condição humana advém das aquisições momentâneas e supérfluas.

Dessa forma e com intuito de possibilitar a experiência formativa em relação ao discurso midiático. Acreditamos na utilização de novas linguagens no processo educacional, sobretudo as linguagens audiovisuais, as quais responderiam pela articulação de uma racionalidade sensível, apaixonada e ética, responsável pela emancipação em relação a luz difusa do espetáculo contemporâneo produzido pela mídia.

Metodologia a construção do sujeito da imagem e a imagem do sujeito!

Para começar a conversa sobre os aspectos metodológicos é preciso fazer algumas considerações. Primeiramente existe um deslocamento do educador para um estado de pesquisador: nunca fomos pesquisadores numa percepção restrita apenas aos aspectos acadêmicos, mas, sim curiosos, para apreender o que a realidade educacional nos proporcionou e proporcionará. Por isso, a pesquisa faz-se como uma nova perspectiva nos (des) caminhos do processo de formação cultural do educador-pesquisador. Não distante do campo educacional e restrito ao campo acadêmico, mas, sim articulados na pesquisa-ação.

Entre as diversas definições possíveis, daremos a seguinte: a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo(THIOLENT, 1992, p. 14).

A proposta de pesquisa/ação não é uma posição hermética, mas, é sugerida como ancoragem do estudo. É um primeiro olhar, aberto à construção de um caminho metodológico no qual a pesquisa-ação tem papel preponderante na articulação de características similares e antagônicas abordadas pelos pesquisadores da investigação-ação. Não pretendemos criar uma única possibilidade para a produção do conhecimento e sim, num alumbramento de curiosidade, promovido pelas inquietações das situações vividas na realidade da prática pedagógica, construir a pesquisa nos imbricamentos dos saberes/fazer do cotidiano escolar, conectados com os diferentes caminhos a serem percorridos no campo científico. Outro processo recorrente da pesquisa é a utilização de percurso metodológico que utilize as diversas linguagens textuais, imagéticas e sonoras (BAUER e GASKELL, 2002), para produzir o conhecimento e captar dados da realidade.

Para articularmos essas questões e a nossa inserção no campo de pesquisa está sendo planejada *Oficina de Experiências Midiáticas*, que é a materialização da pesquisa-

ação, que pretende “(...) enquanto linha de pesquisa associada a diversas formas de ação coletiva que é orientada em função da resolução de problemas ou de objetivos de transformação” (THIOLLENT, 1992, p, 7). A estruturação da oficina prevê um período aproximado de 60 dias, ministrada em contraturno das suas aulas, duas vezes por semana, com duração média de 90 minutos, para alunos do ensino fundamental de ambos os sexos. Nestes preparativos, estão sendo definidos ainda a escola e o horário de execução da Oficina.

A orientação da oficina parte de reflexões sobre o campo da Educação Física escolar e suas inter-relações com o discurso midiático. Para isso utilizaremos momentos distintos, com o intuito de desvelar as novas manifestações do esporte, enquanto teleespetáculo. Provocações e problematizações serão o fio condutor desse processo, que tem na experiência o seu principal meio. Dessa forma, pretendemos levá-los a entender que a mídia está presente em nossa vida, e que uma tematização pelo ambiente escolar é mais que necessário.

A utilização do discurso midiático como forma de sensibilização, através do debate, da utilização e a sua produção, como: fotos, fanzines, cartazes e vídeos, dão conta dos processos/problemas didáticos/metodológicos da oficina/pesquisa. É importante ressaltar que possibilidades de caráter interdisciplinar são vislumbradas, até porque para a produção audiovisual é necessário um determinado conhecimento de técnicas de captação de imagens, assim como a manifestação da produção midiática como uma rede de conhecimentos interligados.

Para registro das diferentes estratégias da pesquisa, que se constituem nos dados para análise, prevemos a utilização de diversas formas de mídia, como: *experiências na conversa* (entrevistas), *experiências no olhar* (observações, fotografias e o vídeo), *experiências no escrever* (diário de campo), produzidas na concretude do cotidiano escolar.

Enfim, acreditamos que este estudo poderá contribuir de forma significativa para entendermos a sociedade contemporânea, problematizando, refletindo e construindo um primeiro olhar a respeito da inserção e uso da linguagem audiovisual no cotidiano da escola e da Educação Física escolar.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. A Indústria cultural. In: *Adorno*. COHN, G. (org.). São Paulo: Ática, 1994.

- BAUER, M. W. E GASKELL. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BELLONI, M. L. *O que é mídia-educação*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- _____. *A formação na sociedade do espetáculo. Gênese e atualidade do conceito*, 2002.
(no prelo)
- BENJAMIN, W. O narrador. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril cultural, 1980.
- _____. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980a.
- BETTI, M. *Janela de vidro: esporte, televisão e educação física*. Campinas: Papirus, 1998.
- BOURDIEU, P. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FEREZ NETO, A. Produção de subjetividades, subjetivação e objetivação: algumas contribuições de Felix Guattari e Pierre Lévy para a Educação Física. *Revista Motrivivência*, nº17, p. 69-84.2002.
- JACQUINOT, G. *O que é um educador? Papel da comunicação na formação de professores*. Disponível on-line <http://www.artesdobrasil.com.br/genevieve.html> consultado em 05/04/2002.
- LASCH, C. *A cultura do narcisismo. A cultura americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- PIRES, G. L. A pesquisa em Educação Física e mídia nas ciências do esporte: um possível “estado atual da arte”, 2003. *Revista Movimento*(no prelo).
- PIRES, G. L. A mediação tecnológica do esporte como substituição da experiência formativa. *Corpoconsciência*. 1º semestre de 2002, p. 23-39, 2002.
- _____. Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte. *Revista da educação física/UEM*, v.9, n.1, p.25-34, 1998.
- SOARES, I. O. *Comunicação/ Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais*. Disponível on-line <http://www.eca.usp.br/nucleos/nce> consultado em 05/04/2002.
- RETONDAR, J.J.M. A sociedade do espetáculo-resumo das idéias principais de Guy Debord (1997). *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Vol. 20, nº 2 e 3, abril/setembro, 1999.
- THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 5ª ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.